



FACULDADE CATÓLICA DE  
ANÁPOLIS BACHARELADO EM  
TEOLOGIA

CLEIDIOMAR GOMES DO LAGO

**O ARGUMENTO DE FÉ DA RELIGIOSIDADE POPULAR CATÓLICA**

ANÁPOLIS – GO  
2020

CLEIDIOMAR GOMES DO LAGO

**O ARGUMENTO DE FÉ DA RELIGIOSIDADE POPULAR CATÓLICA**

Monografia apresentada em cumprimento à exigência curricular para colação de grau, do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, sob orientação do Prof. Pe. Ms. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS - GO

2020

## **DEDICO**

Ao padre Carlito. Por seu empenho em formar discípulos, para o Senhor Jesus, através da formação teológica compartilhando seu conhecimento como mestre e professor da faculdade Católica de Anápolis juntamente com os demais mestres e professores desta nobre instituição.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, a quem deve ser tributado todo louvor e glória pela execução deste trabalho de conclusão de curso (TCC).

À faculdade Católica de Anápolis, todo corpo docente pelo o conhecimento adquirido e pela convivência.

A minha esposa Hildene Moreira Matos do Lago e as minhas filhas Alana Raquel Matos do Lago Gregorio e Acsa Rebeca Matos do Lago pelo o estímulo e encorajamento que me foram necessários.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
CAPITULO I .....	8
DEFININDO OS TERMOS .....	8
1.1 - Argumento .....	8
1.2 - Fé.....	8
1.3 - Religiosidade .....	8
1.4 - Popular .....	8
1.5 - Católico .....	8
CAPITULO II .....	10
RELIGIOSIDADE POPULAR QUESTÃO CULTURAL .....	10
CAPITULO III .....	11
ARGUMENTO DESSA RELIGIOSIDADE .....	11
3.1 – Expressão da Fé Católica .....	11
3.2 – Encarnação do Evangelho.....	11
3.3 – Sinal da Universalidade.....	12
3.4 – Estratégia para Evangelização .....	12
3.5 – Auto Evangelização.....	12
3.6 – Religiosidade Popular como Baluarte da Fé .....	13
3.7 – Religiosidade popular como Meio Pedagógico .....	13
3.8 – Transformadora das Estruturas .....	13
CAPITULO IV .....	14
OBJETIVO DA RELIGIOSIDADE POPULAR CATÓLICA.....	14
4.1 – Os Santos Aglutinadores da Devoção Comunitária.....	14
4.2 – Hierarquia Devocional .....	15
4.3 – A Pessoa de Jesus Cristo .....	15
4.4 – A Devoção ao Divino Espírito Santo.....	18
4.5 – A Devoção Mariana .....	18
4.6 – Os Santos em Geral e a Devoção Popular.....	20
4.7 – A Devoção aos Fiéis Defuntos.....	20
4.8 – Consciência de Pecado e Necessidade de Expição.....	22
4.9 – Fé no Tempo e Lugar .....	22
4.10 – Devoção Filial para com os Pastores da Igreja .....	23
4.11 – Criatividade Espiritual.....	23

CAPITULO V .....	25
ANALISANDO .....	25
5.1 – Divórcio entre Religião Oficial e Popular .....	25
5.2 – Origem .....	26
5.3 – Pastoreio Falho .....	27
5.4 – Efeito da falha pastoral .....	27
CAPITULO VI .....	28
PROPOSTAS OU PERSPECTIVAS DE “SANATIO IN RADIGE” .....	28
(Evangelizar a Religiosidade Brasileira) .....	28
6.1 – Aplicar o princípio do contato direto e indireto .....	28
6.2 – Nas grandes comemorações religiosas .....	28
CONCLUSÃO .....	30
BIBLIOGRAFIA .....	31

## INTRODUÇÃO

De onde procede a fé da religiosidade popular católica? O fenômeno da religiosidade popular católica é fruto da hierarquia católica? De origem popular? É arquitetura de grupos que manipulam o povo dando-lhe a sensação de autonomia<sup>1</sup>

Estes são os questionamentos que surgem quando se estuda as manifestações da religiosidade popular católica, o seu colorido a sua dinamicidade e também a sua universalidade e o grande sincretismo de que é alvo, onde há mistura de sagrado e profano, misticismo e lenda, que está encarnado no seio do povo e que não foi erradicado, permanecendo dois modos de prestar culto que se resume em um só, a religiosidade do povo.

O objetivo do presente trabalho é o de constatar, e conhecer o que é este fenômeno, seu objeto de devoção, os meios de sua perpetuidade. Conhecer também sistematicamente suas raízes e qual têm sido o lugar de destaque que ela goza na religião oficial.

Depois deste estudo feito através de pesquisas, contato pessoal com devotos e exdevotos precisar o que é de fato.

Depois verificar a possibilidade de ação neste fértil de boas intenções e propor meio para que se estude melhor este fenômeno e desperte o interesse de ação, para que a religiosidade não seja motivo para a disseminação de culturas pagãs levando o povo a uma intimidade maior com Deus e transformação pessoal e comunitária.

Que este propósito seja alcançado é esta a intenção, que possa trazer meio de envolvimento evangelístico é objetivo.

---

<sup>1</sup>LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral. São Paulo: Atlas, 1977 pg. 166,202.

## **CAPITULO I**

### **DEFININDO OS TERMOS**

Para melhor entendimento dos termos usados nesse texto faz necessário defini-los de acordo com Francisco Fernandes<sup>2</sup> em seu dicionário:

#### **1.1 - Argumento**

É o raciocínio lógico que procura demonstrar ao interlocutor a razão de seu modo de pensar, falar e agir.

#### **1.2 - Fé**

São meios de tornar acessível o contato com o divino, com o sobrenatural, cumprindo obrigações e reverenciando-o.

#### **1.3 - Religiosidade**

Para Eva Maria<sup>3</sup> religiosidade pode se definida como um conjunto de práticas exteriores que tornam possível externar o sentimento de fé e ao mesmo tempo dá a sensação de contatar o sagrado e ele integrar com o divino.

#### **1.4 - Popular**

O que procede do povo, que nasce do povo e que assume um caráter paralitúrgico (Celebração religiosa que se assemelha à estrutura de uma liturgia), isto é, não faz parte da liturgia oficial, e posteriormente é assumido e aceito como manifestação religiosa.

#### **1.5 - Católico**

Aquilo que é da Igreja Católica Romana e com os fiéis ligados a ela.

---

<sup>2</sup> FERNANDES Francisco; LUFT Celso P; GUIMARÃES Marques. Dicionário brasileiro. 24. Ed. Pato Branco: globo. 1996.

<sup>3</sup> LAKATOS, Eva Maria. Op. Cit., pág. 165.

Levando em consideração que sua religiosidade popular é comum em todos os continentes, onde ela se faz presente, pois a simbiose entre

“Cultura local e religião é próprio da cultura romana, diz o historiador Martin N. Dresher<sup>4</sup> “O Império Romano era tolerante em relação aos cultos, muitas vezes chegou, inclusive a fomentar só cultos das regiões subjugadas. Só poucas regiões tiveram seus cultos proibidos”. E a Igreja Católica adotou em grande parte os princípios do Império Romano fazendo o que se chama de inculturação.”

Segundo o historiador Justo L. Gonzáles<sup>5</sup>: “Do ponto de vista os bárbaros reintroduziram na Europa Ocidental, no séc. V a VIII, os elementos que pouco antes pareciam estar quase desaparecidos: o paganismo e o arianismo”.

---

<sup>4</sup> DRESHER, Martins N. A Igreja no Império Romano. Sonodal, 1986, p. 10.

<sup>5</sup> GONZALEZ, Justo L. A Era das Trevas. Uma historia do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1981, p.37.

## CAPITULO II

### RELIGIOSIDADE POPULAR QUESTÃO CULTURAL

A religiosidade é própria do ser humano, seja de que forma for. Ela não é algo imposto, ela emerge do indivíduo, ou melhor, do indivíduo e da comunidade. É uma tentativa de resposta aos desafios da vida. O fenômeno religioso caracteriza-se por três aspectos segundo Mario Martins<sup>6</sup>:

- a) A comunidade;
- b) O culto;
- c) A revelação.

Sergio Buarque de Holanda<sup>7</sup> disse que Existe, porém uma distância muito grande entre a comunidade e o culto oficial e muito maior ainda da revelação canônica. Em um estudo realizado pelo Sr. Thadeu<sup>8</sup> baseado no livro o Evangelho e Cultura, ele nos informa que esta distância é cultural porque os oficiais do culto têm uma linguagem própria aprendida nos circulo acadêmico e o povo tem a linguagem aprendida com a lactação, que perpassa culturas e mais culturas, é dinâmica, não sendo patrimônio de ninguém. Toda cultura tem elementos bons e nocivos, pois a queda do homem manchou sua cultura e parte dela é de inspiração demoníaca, conforme informa-nos o Pacto Lauzanne. Por isso o elo entre religiosidade e cultura não devem ser desconsiderados, pois cultura é um sistema integrado de crenças, de valores, de costumes e de instituições que expressam estas crenças, valores e costumes, que unem a sociedade e lhes proporcionam um sentido de identidade, de dignidade, de segurança e de continuidade.

O que se percebe é a existência de duas culturas religiosas, um oficial, outra popular. Um não transformando a outra num perfeito sincretismo anda por caminhos distintos constituindo uma simbiose de acordo com o Documento de Puebla<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> MARTINS, Mario R. Sociologia da Comunidade. Acácia. 1973, p. 42.

<sup>7</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio Janeiro: José Olímpio Editora, 1979. pág. 104

<sup>8</sup> ARAUJO, Thadeu Pereira. Dissertação sobre o Evangelho e a Cultura: Baseado no livro o Evangelho e a Cultura. A Contextualização da Palavra de Deus.

<sup>9</sup> DOCUMENTO DE PUEBLA. Conclusões Gerais da 3ª Conferência do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Edições Paulinas, 1979

## CAPITULO III

### ARGUMENTO DESSA RELIGIOSIDADE

#### 3.1 – Expressão da Fé Católica

A religiosidade popular é imanente, nasce do povo, cresce no meio do povo e quando se torna uma força dinâmica, ela é assenhoreada pela religião institucional que lhe coloca uma roupagem sacra.

Esta imanência não existe, pois a religiosidade popular é antes de tudo itinerante e não há como estabelecer sua raiz, e ela aqui se estabelecem com os portugueses, seus missionários Franciscanos populares e Jesuítas intelectuais e isto se percebe claramente pelas heranças deixadas tais como festa do Divino, presépio, festa dos reis magos, os autos e outras que veremos mais adiante e o mesmo acontece em outras paragens.

O argumento, portanto é que a Igreja Católica encara a religiosidade popular como:

O conjunto das profundas crenças seladas por Deus, das atitudes que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião do povo latino americano em sua forma cultural mais características, é a expressão da fé católica. E um catolicismo popular<sup>10</sup>.

#### 3.2 – Encarnação do Evangelho

O povo absorveu o evangelho e esta absorção fez florir as diversas manifestações religiosas que se popularizou e outras manifestações místicas tais como Fátima, Aparecida que vem de encontro às necessidades da Igreja, pois a religiosidade popular, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes interrogações da existência.<sup>11</sup>

E estas interrogações são amplas, não estando cercadas somente no campo teológico como foi a questão do “Teotokos” em que frente às questões entre Arianos e Atanasianos, havia a defesa popular da Maternidade Divina de Maria, bem

---

<sup>10</sup> DOCUMENTO DE PUEBLA. Conclusões da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Ed. Paulinas, 1979 nº 317.

<sup>11</sup> DOCUMENTO DE PUEBLA. Conclusões da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Ed. Paulinas, 1979 nº 321.

como a devoção Mariana de Lurdes que precedeu ao dogma da Imaculada Conceição proclamado, por Pio IX em 1854. Da mesma forma a questão racial no tempo da colonização espanhola do México, em que as aparições de Guadalupe são tidas como um meio de apaziguar a situação entre brancos e mestiços. “Esta identidade está luminosamente simbolização da América latina”.<sup>12</sup> O mesmo ocorre com a aparição da imagem negra de Aparecida.

A religiosidade popular é um meio também de resposta aos diversos questionamentos sociais em que cada profissão há um santo protetor, tendo este santo exercido uma profissão e exercendo-a com zelo torna-se digno de veneração, respeito e é tido como intercessor.

Para os questionamentos morais, encontra-se, na religiosidade popular é a manifestação clara de que Deus se comunica com o povo, pois o mesmo tem uma amabilidade a toda prova, é simples, desprezioso, sem interesses e através deste ela atinge os demais fiéis em sua classe social.

### **3.3 – Sinal da Universalidade**

Por ser simples e nascer do povo a religiosidade popular atende a anseios de humildes e abastados, incultos e cultos, é uma espécie de elo de união em que através da piedade popular a Igreja manifesta a sua universalidade.

### **3.4 – Estratégia para Evangelização**

O povo é mais acessível a esta religiosidade popular, pois é mais flexível e não segue padrões rígidos tais como o culto oficial e por isso os locais de romaria são propícios para que o povo seja evangelizado.

### **3.5 – Auto Evangelização**

A religiosidade popular quando é fundamentada em uma evangelização consciente, ela faz fluir no meio do povo com facilidade o “sensus fidei” e a partir deste povo de Deus se auto evangeliza.

---

<sup>12</sup> Idem. Nº 320.

### **3.6 – Religiosidade Popular como Baluarte da Fé**

É comum observarmos, em regiões onde não existe a presença eclesial ou entre fiéis que saíram de suas terras para trabalharem em outras regiões, o cultivo de celebrações religiosas, a muito inexistentes em suas regiões de origem. Esta constatação fora feita por funcionários da Companhia Mendes Junior que trabalharam no Iraque. O mesmo constata-se entre imigrantes Russos, Ucrânicos, Alemães, Italianos e outros no sul do Brasil, em que suas praticas religiosas são arcaicas.

### **3.7 – Religiosidade popular como Meio Pedagógico**

Como meio pedagógico a religiosidade popular usa os sinais e símbolos como meio de se relacionar com Deus.

Com este argumento o uso da iconografia (culto das imagens) encontra respaldo e de mesma forma o uso de medalhas, bntinhos, crucifixos, procissões.

“... A liturgia da Igreja pressupõe, integra e santifica elementos da criação e da cultura humana conferindo-lhes a dignidade de sinais da graça, da nova criação em Jesus Cristo”.<sup>13</sup>  
A ação litúrgica faz parte integrante da religiosidade oficial ao passo que a musica é ambivalente, serve tanto oficial como a popular, porém a mais popular de todas é o uso da iconografia e seu uso pedagógico foi defendido pelo II Concilio de Nicéia em 787 e, portanto aceito e purificado pela autoridade eclesial.”<sup>14</sup>

### **3.8 – Transformadora das Estruturas**

Por ser um dos sinais da universalidade da Igreja Católica, por unir pobres e ricos, por ser instrumento de evangelização e os seus métodos serem pedagógicos, a religiosidade popular serve como meio de mudanças das estruturas sociais que são vistas como estruturas do pecado.

---

<sup>13</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Ed. Vozes e Loyola, 1993. p. 1146-1149.

<sup>14</sup> Idem 1159-1162 e 1674-1676

## **CAPITULO IV**

### **OBJETIVO DA RELIGIOSIDADE POPULAR CATÓLICA**

É importante salientar que o catolicismo tem princípios norteados de suas ações tais como: unicidade (uma), catolicidade (universal), santidade (santa), apostolicidade (de origem apostólica) que são usados como regra para purificar e sanar qualquer degenerescência nas manifestações religiosas através do magistério eclesiástico que tem última palavra. Procurando manter sob controle a religiosidade popular, que cada vez assume novas formas. É o que veremos agora ao analisar o objeto e material desta religiosidade.

#### **4.1 – Os Santos Aglutinadores da Devoção Comunitária**

A religiosidade popular tem regras e princípios, hierarquia local, formas, ritos e objetos.

A princípio o que nos vem em mente é a hierarquia (devocional santoral), entendendo por isso não o clero, mas sim o objeto da devoção que na maioria das vezes, com raras exceções, é uma graça alcançada ou a ser alcançada. E maior atributo receberá o santo ou objeto de devoção que atender com graça o pedido, pois não há muita distinção entre santo e divindade. É perceptível esta realidade ao ouvir o devoto comentar que vai beijar a fita santa, quando na realidade vai beijar a fita de devoção que pende da imagem da Santíssima Trindade. Existe uma hierarquia, entre o devoto e o objeto de sua devoção, que esta relacionado com a popularidade e graças alcançadas atribuída ao santo de devoção do que o seu grau de iminência.

Dentro desta perspectiva de graça alcançada e gratidão, os santuários de Aparecida do Norte têm muito mais devotos e movimento do que o de Trindade. O auge da enorme, exceto os que estão em locais de difícil acesso, em que há maior movimentação no dia da festa, antecedido sempre por uma novena.

## **4.2 – Hierarquia Devocional**

A devoção trinitária e sua liturgia oficial e popular, por fazer parte da formação catequética, ela é tida como a base em que desde a mais tenra idade o fiel aprende que “o sinal da cruz é o símbolo do cristão porque nele está o principal ensinamento da fé: unidade e trindade de Deus, encarnação, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>15</sup> Portanto a devoção a Trindade é oficial e aparentemente resguardada pela Igreja. Porém o povo tem a sua forma de manifesta-la com romarias aos santuários dedicados a Trindade, com as procissões, em que se leva uma imagem representando-a: O Pai um senhor de idade e de cabelos grisalhos, o Filho um jovem maduro e o Espírito Santo por uma pomba que paira sobre o Pai e o Filho. E o devoto, sente-se realizado, com o voto que fizera, quando enfrentava uma enorme fila para beijar a fita da “santa”, entendendo com isto beijar a Trindade Santa. Vale observar que a devoção da beijação da fita é comum a todas as devoções populares. Também é forma externa, desta devoção a espórtula, ou esmola por santo, deixada aos pés do santo de devoção no momento da beijação.

Outra característica comum a esta religiosidade é a aquisição da imagem do santo de devoção, para ser colocado no altar doméstico. Maior eficácia tem a devoção se a imagem for abençoada pelo padre individualmente ou comunitariamente, durante a missa ou em cerimônia particular. A aquisição do objeto de devoção dá-se o nome de troca uma vez que compra, em se tratando de objeto devocional é simonia.

O fiel que praticou estes atos, com relação ao santo de sua devoção, retorna em paz para sua casa e fará novas reservas de fundo para retornara no próximo ano.

## **4.3 – A Pessoa de Jesus Cristo**

A pessoa de Jesus Cristo é também objeto da devoção liturgia oficial e popular.

A devoção liturgia oficial com as festas de Natal, com a tradicional Missa do Galo, a Semana Santa com as procissões de Ramos, a cerimônia de Lava-pés,

---

<sup>15</sup> PEQUENO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1980, p. 8.

Missa da Crisma, cerimônia de Adoração da Santa Cruz, a cerimônia da Crucificação, a procissão do Enterro e por fim a Ressurreição. De todas estas cerimônias a mais popular é a sexta-feira santa em que a prática de penitência aflitiva comum, mesmo não sendo de obrigação oficial. Pois a sexta-feira santa, não é dia santo de guarda, pois este é o único dia do ano litúrgico em que não há celebração da Missa e assim a sexta-feira é um dia de devoção e não de obrigação em que a não participação constituiria pecado. A obrigatoriedade é somente uma: jejuar e abster-se de carne segundo manda a Santa Madre Igreja. Na sexta-feira da Paixão, também denominada de maior os fiéis que possuem gado leiteiro deixam todo leite para os bezerros. Em nome da abstinência de carne, come-se bacalhada.

Todas as devoções para com as pessoas de Jesus Cristo dentro das programações oficiais tornaram-se uma tradição cultural e frequentá-las é onde a identidade de católico é manifestada, as outras ações passam despercebidas, tais como: assiduidade à Missa dominical, adoração ao Santíssimo Sacramento do altar, confissão, etc.

Outras cerimônias, porém imprescindíveis à participação. São cerimônias movidas por um fundo nostálgico emocional muito grande e também como sinal de popularidade e reconhecimento de que o frequentá-lo é sinal de catolicidade e também como sinal de popularidade.

São as seguintes cerimônias: Missa do Galo no Natal, em que toda a família está reunida, as procissões da semana santa, tais como Ramos, quando então se guarda o ramo utilizado na procissão para queimar-lo nos dias de tormenta e tempestades; procissão do Encontro, via sacra ao ar livre, crucificação, procissão do Enterro; destaque também tem a procissão Eucarística em que toda a comunidade se arregimenta para enfeitar as ruas, para que Jesus sacramentado possa passar abençoando as pessoas, e uma festa de cunho eminentemente social.

De não menos importante é a primeira comunhão em que o fiel receberá a hóstia, Eucaristia, pela primeira vez.

Antecede a primeira comunhão uma preparação catequética extensa. Após o término da catequese o fiel será examinado e orientado a fazer a primeira confissão dos pecados. Após, esta preparação, o fiel poderá comungar pela primeira vez na vida e doravante ele está obrigado a confessar-se ao menos uma vez por ano e comungar obrigatoriamente no tempo pascoal, é o que se chama de desobriga.

Logo em seguida da primeira comunhão há uma grande festa comunitária.

A primeira comunhão é uma forma de inserção ritualística na comunidade católica, após o uso da consciência, pois esta inserção já fora feita no batismo.

A festa do Sagrado Coração é litúrgica e é praticada em sua maioria por mulheres da segunda idade que se reúnem em uma associação denominada Apostolado da Oração, inspiradas na espiritualidade da Catarina de Laboure, uma mística francesa.

As irmãs do Apostolado da Oração realizam a festa anual do Sagrado Coração de Jesus. Além da festa anual elas realizam reuniões semanais, com práticas de desagravo ao Sagrado Coração de Jesus.

O Apostolado da Oração possui uma revista mensal, uma organização nacional e internacional sob o comando dos Jesuítas.

Ainda com relação á pessoa de Jesus Cristo, existem as devoções populares, orientadas pelo clero de vida pia, tais como visitas ao Santíssimo Sacramento, adoração ao Santíssimo Sacramento que pode ser em uma hora fixa ou em turnos ininterruptos confiados o cuidado e manutenção desta devoção, quando não está sob a responsabilidade de uma congregação religiosa, a irmandade do Santíssimo Sacramento.

Confiada está irmandade a manutenção da lâmpada do Santíssimo, com doações de vela de sete dias, azeite de mamona, convocar mais pessoas para unir-se a ele. A realização de congressos eucarísticos paroquiais, diocesano estadual, nacional e internacional é parte constitutiva para com a pessoa de Jesus Cristo Eucarístico. São métodos que atraí o povo. Além desses métodos, tem a de todas a mais popular e que está restrito as zonas rurais, que são as folias de reis que acontecem com o natal e tem o seu ápice no dia 06 de janeiro, dedicado no calendário católico aos reis magos. Uma comemoração muito popular e que tem uma grande exploração comercial é a do natal e que é uma festa estritamente familiar em todo o mundo católico criando um dito popular italiano que se universalizou: "natale com i suoi, páscoa dove vuoi" (natal com os familiares, páscoa com quem você quiser).

#### **4.4 – A Devoção ao Divino Espírito Santo**

A devoção ao Divino Espírito Santo, comumente chamado de Divino, é também oficial e popular. Oficialmente é celebrada em pentecostes, tendo em vista que o calendário litúrgico católico é lunar semelhante ao judaico. Porém o forte desta devoção é a popular, principalmente nas zonas rurais e cidades do interior, onde a festa é incrementada com a folia do Divino, que passa recolhendo oferta para o dia da festa em que ocorre a cavalhada com os mascarados e um grande banquete promovido pelo Rei que fora escolhido no ano anterior.

Um dos sinais da popularidade é a música sertaneja, o Chico Mineiro e o dito popular de reprovação: por acaso fui eu que comi o boi do Divino.

#### **4.5 – A Devoção Mariana**

Em grau hierárquico a pessoa de Maria, a mãe de Jesus, vem após as três pessoas divinas, mas por motivos sentimentais, e a pessoa que mais comemorações tem no calendário católico oficial e popular.

Na liturgia oficial lembra-se a natividade de Maria, a concepção de Maria, a anunciação de Maria, a sua Assunção aos céus, seu coração pela Trindade nos céus. Muito dessas comemorações antes da reforma do Concílio Vaticano II, eram considerados dias santo de guarda. Atualmente somente o dia da Assunção de Nossa Senhora é dia santo de guarda. As demais comemorações relacionadas à pessoa de Maria são devoções que não estão condicionadas a obrigatoriedade, tais como a festa de Nossa Senhora Aparecida que é feriado nacional, mas não é dia santo de guarda. Da mesma forma o círio de Nazaré em Belém, do Caravaggio no Rio Grande do Sul, de Velha, da Penha em Vila Velha do Espírito Santo da Piedade em Minas Gerais, do Rocio no Paraná, da Abadia no Muquém em Goiás, etc.

Faz parte do devocional popular mariano a hora do Ângelus, reza do terço, uso de medalhas milagrosas com sua efígie, epulário do Carmo, tudo isso de grande aceitação popular e que fomentam a economia dos que vivem dos que vivem nas proximidades dos santuários.

Sinal da popularidade devocional Mariana é a quantidade de pessoas com o nome de Maria.

Além de tudo isto existe o testemunho dos diversos nomes dados a Maria, provenientes ou decorrentes de bênçãos alcançadas por pessoa que tinham alguma enfermidade e alcançou a cura. E deste rol de nomes temos os seguintes: Nossa Senhora da Cabeça, Nossa Senhora da Perna, Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora do Ó, Nossa Senhora do Deserto, Nossa Senhora da Saudade e muitos outros títulos provenientes de locais de sua aparição. E estes títulos e nomes são sempre acrescentados de novos. Os mais comuns são: Nossa Senhora de Lurdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Medjugorje na Iugoslávia.

A romaria aos santuários marianos é sinal desta devoção popular e não é propriedade de brasileiro, pois existem numerosos deles por todo o mundo católico.

As aparições marianas gozam de aceitação oficial quando submetidas a exame, porém nunca reconhecimento oficial condicional a tal ponto de que a não crença nas aparições seria considerada falta de fé.

A razão que tributa a Maria um grau de eminência entre os devotos é de origem teológica dogmática “conditio sine qua non” e cultural.

A fé católica tributa a Maria um privilégio especial em relação aos demais mortais, em virtude de sua maternidade divina e para se ter tamanha graça ou privilégio ela é considerada sem pecado original.

Quando de sua concepção, ela foi preservada, da mancha original e conseqüentemente não morreria, pois a morte é conseqüência do pecado.

Para a teologia católica, ela é a única pessoa que está no céu, ao lado da Trindade, em corpo e alma a interceder pelos mortais junto e isto em virtudes dos méritos de Jesus que a preservou da mancha original no momento de sua concepção e o termo utilizado é “anti previsa merita”.

Esta é a razão teológica que é conseqüência lógica do dogma da Imaculada Conceição e por esta razão ela não morreu e sim adormeceu e foi assunta ao céu.

A imaculada Conceição de Maria é um dogma de fé. E por ser dogma de fé não pode ser questionado pelo teólogo católico.

Culturalmente é o prestígio de que goza a mãe “Matrona” na cultura ocidental, donde o dito: pede á mãe que o filho atende e ainda, atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher. E neste contexto ela tem grande autoridade sobre o coração do Filho, e o que se vê nitidamente no Auto da compadecida de Ariano

Suassuna que conseguiu com clareza magistral representar teatralmente a teologia católica sobre a pessoa de Maria que ganhou com o Papa Paulo IV após o Concílio Vaticano II, o título de Mater Eclésia (Mãe da Igreja).

#### **4.6 – Os Santos em Geral e a Devoção Popular**

A devoção aos santos é estimulada de que ele é um ser humano como qualquer mortal, mas que conseguiu a santidade com a prática das virtudes teologias da Fé, Esperança e Caridade. Segue-se mediante a confirmação de sua santidade, depois de um longo e dispendioso processo de canonização, à seguinte conclusão: se ele santificou-se, automaticamente salvou se e por isso está junto de Deus na glória, e por isso tem um grande poder de intercessão, por cada um dos seres mortais, que são tão pecadores que não podem conversar com Deus e por isso precisam de um intercessor.

São inúmeros os santos e entre eles tem os populares: São José o pai adotivo de Jesus, goza de grande prestígio, basta verificar o grande número de pessoas com o mesmo nome. Ele é o protetor dos carpinteiros, pois exerceu esta função e também invocado pelos fiéis que levam vida consagrada para que possam manter a vida de castidade com fidelidade, pois é o esposo casto de Maria. E também patrono das economias de comunidades religiosas, pois administrou a casa de Nazaré.

Santo Antônio é tido como o santo casamenteiro e auxiliar das coisas perdidas. Populares também: São Francisco de Assis, São João, São Pedro, São Paulo, São Judas Tadeu.

Um dos sinais desta devoção são os nomes das pessoas tiradas do onomástico santoral, bem como nomes de santos dados a pontos comerciais, cidades, estabelecimentos públicos, ruas, praças, bairros, etc.

#### **4.7 – A Devoção aos Fiéis Defuntos**

A devoção para os fiéis defuntos, não será relacionada somente para com os que morreram e recebem dos familiares, parentes, amigos e fiéis, rezas no velório, visitação da cova no sétimo dia, missa do sétimo dia, missa de mês, de ano ou missa gregoriana.

Para entendermos o devocionário em torno dos fiéis defuntos faz se necessário conhecer um pouco sobre a doutrina dos membros da igreja padecente como são conhecidas as almas do purgatório:

“Os que morreram na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantia a sua salvação eterna passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do céu.

A igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório, sobretudo no Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura (1 Cor. 3: 15; 1Pe 1: 7; Mc 12: 46), a tradição da Igreja fala de um fogo purificador (São Gregório Magno, Dial. 4, 39)”<sup>16</sup>.

A partir deste princípio se entende o motivo da devoção de que são alvo as almas do purgatório, que devido o seu estado de purificação nada podem fazer para amenizar a sua situação necessitando da intercessão da Igreja militante ou peregrina em seu favor para que o tempo que lhes está reservado no purgatório seja amenizado e diminuído pelas indulgências alcançadas em seu favor.

As almas do purgatório são passivas, por não poderem alcançar méritos em benefício próprio, mas podem interceder pelos seus devotos por fazerem parte da Igreja e participarem da comunhão dos santos.

Os devotos, portanto, das almas do purgatório gozam do benefício de poder interceder e receber bênçãos em decorrência de sua devoção.

Os meios e métodos para a execução desta devoção são vários tais como: a consagração de um mês dedicado a elas, que é o mês de novembro; com novenas, dia de finados em que os cemitérios recebem um grande numero de visitas dos familiares dos ali sepultados; visita de sétimo dia na cova, missa de sétimo dia, missas gregorianas, orações indulgenciadas em favor dos finados.

Todas estas cerimônias são indulgenciadas e trás um grande conforto para quem pratica, pois faz pelo finado o que não pode fazer em vida. Quanto a intercessão feita pelas almas do purgatório, não difere da intercessão dos santos em geral, dispõe de orações especiais, Santuários dedicado a elas, museu das almas do purgatório, novenas com trechos de revelações feita pelas almas do purgatório a místicos, queima de velas como símbolo de intercessão ininterrupta.

---

<sup>16</sup> CATECISMO IGREJA CATÓLICA. Ed. Vozes e Loyola, 1993. nº 1030-1031.

#### **4.8 – Consciência de Pecado e Necessidade de Expição**

Este campo de devoção é um campo muito fértil, pois o católico crê que Jesus morreu por ele na cruz do calvário, mas ele sente a necessidade de fazer algo, pois com relação à certeza da salvação não existe dogma definido senão a máxima piedade de Santo Afonso Maria de Ligório que diz: “quem reza salva, quem não reza se condena”, donde a importância das orações, jejuns, penitência aflitivas, uso de cilício, flagelação em público, principalmente no dia da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dentro deste espírito de reparação a apaziguamento de consciência reparadora e de garantir a salvação está também a prática da caridade, nesta prática vemos a manutenção dos orfanatos, asilos de idosos, leprosários, hospitais, casa de recuperação para dependentes químicos, albergues, são meios utilizados pela devoção popular para a prática de caridade e vale ressaltar ser este um dos poucos meios senão o maior onde há uma sintonia entre igreja e povo.

#### **4.9 – Fé no Tempo e Lugar**

O calendário litúrgico oficial é extenso, porém o calendário do devocional popular é muito mais extenso, expressivo e regido pela simplicidade que conservam hinos e ladainhas executadas em latim e que muitas das vezes não há como precisar a origem das mesmas.

Mercê destaque as festas juninas dedicadas a São João, Santo Antônio, São Pedro com fogueiras, danças juninas e alimentos típicos.

Da mesma forma devoções que surgem sem o conhecimento da religião oficial, cercadas de misticismo e mistério, que perduram sem a autorização eclesiástica, mesmo quando a mesma tomou conhecimento e assumir o controle sem sucesso.

Existe por outro, indiferença popular, quanto a autoridade eclesiástica cria um novo centro de devoção com uma data fixa para atrair devotos, mas não encontra o respaldo popular. Cada dia tem um santo para ser venerado, alguns tem um mês inteiro ou mais dedicado á sua memória. Mês de março dedicado a São José, mês de novembro dedicado as almas do purgatório. Os dias de guarda obrigatórios são

somente cinco: Ano Novo, Corpus Christi, Imaculada Conceição, Assunção de Maria, Natal.

São Sebastião, dia de Santos Reis, dia da Paixão, dia de Nossa Senhora Aparecida, da Trindade, Nossa Senhora Abadia, Nossa Senhora das Dores e tantas outras comemorações são parte constitutiva do calendário devocional popular e às vezes civil dependendo da vontade política, como foi o caso do feriado nacional de 12 de outubro instituído quando da vinda de Sua Santidade o Papa João Paulo II no Brasil no ano de 1983.

#### **4.10 – Devoção Filial para com os Pastores da Igreja**

O respeito filial aos pastores como representantes de Deus e motivo de afeto, respeito, devoção e veneração por parte do povo.

A relação Papa, Bispos e Padres e povo é estreita pela credibilidade que tem suas afirmações para o povo em geral.

Esta veneração e respeito esta envolta em um grande misticismo e que caberia um estudo a parte levando-se em conta a cordialidade do homem que com a mesma parece ter uma cerviz dócil, mas é uma cordialidade simulada ou quando não fuga do compromisso.

#### **4.11 – Criatividade Espiritual**

A capacidade de criar meios para solucionar problemas julgados espirituais é muito grande.

É neste campo que a religiosidade popular tem campo fértil, pois, faz uso de meios reprovados pela religião oficial, mas que segundo suas crenças são eficazes. São as chamadas benzeções contra espinhela caída, mal olhado, olho gordo. O uso de orações fortes, correntes de orações, amuletos, figas, bentinhos, cruz de garrafa, ferradura de sete furos, chifre, água benta, pé de coelho.

Outro expediente devocional para evitar o azar é não ter e não conservar em casa espelho quebrado, imagens de santo quebradas: quanto ao espelho coloca-se no lixo, quanto aos objetos de devoção votos, enterra-se ou deixa-se nas portas dos tempos ou cemitérios.

Esta veneração e respeito está envolta em um grande misticismo e que caberia em estudo a parte levando-se em conta a cordialidade do homem latino que com a mesma parece ter uma cerviz dócil, mas é uma cordialidade simulada ou quando não fuja do compromisso.

## **CAPITULO V**

### **ANALISANDO**

A religiosidade popular católica é dinâmica, procriativa e exerce um fascínio no povo, pois, através dela pode-se ter intimidade com o sagrado, sem compromisso com a instituição que possui clero, leis e culto.

O povo na prática de sua “devoção”, depois da “desobriga” do pagamento do voto, vai “festar” e negociar. O “festar” está em segundo plano, na intenção do devoto, mas na realidade ele anexa o útil ao agradável: Paga-se o voto ao santo de devoção, faz-se compras, pois nas romarias e festas em geral, tem mascates, e depois se frequenta os ranchões de forró, é uma peculiaridade das festividades religiosas em geral.

As romarias e festas religiosas contam com o apoio da sociedade organizada, tais como: prefeituras, comércios e políticos que tem presença certa e confirmada nos eventos devocionais.

Observa-se que os devotos são um rebanho enorme que parece ter pastor, por causa dos cultos e aglomeração, mas são tal qual ovelhas sem pastor sujeitas a todo tipo de manipulação: comercial, social, política e religiosa. Assim sendo é um campo fértil para o primeiro contato com o evangelho. Contato informal, com vistas á continuidade posterior.

O devoto é cativo em todos os sentidos: pela sua fidelidade para com o objeto de sua devoção, que o trará de volta á próxima festa e por ser alvo de fértil manipulação, pois em grandes aglomerados, os serviços religiosos oficiais funcionam como isca, pois a emotividade é maior do que a piedade e regeneração.

Vislumbra-se, portanto, oportunidade impar de evangelização.

Veremos a seguir os aspectos positivos e negativos desta religiosidade, que podem ser utilizados como ganchos para um trabalho evangelístico.

#### **5.1 – Divórcio entre Religião Oficial e Popular**

Existe um divórcio de fato, entre o povo e a religião católico, devido à constatação da distância entre uma e a outra, a falta de uma verdadeira

evangelização que solucione e busque conhecer os problemas, ou causas e motivação desta religiosidade para orientá-la.

## 5.2 – Origem

Superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo. Todos estes fenômenos soam existenciais e não somente de origem africana, como muitos pensam, mas de origem Ibérica, Turca, Germana. São fenômenos que não foram erradicados da cultura de um povo e que perpassa de geração a geração nas múltiplas formas de transmissão, tais como contato entre os povos através de informações colhidas por estudiosos, por aventureiros e pelos emigrantes.

Estas transmigrações “culturais” nós as vemos nas festas dos santos que possuem um nome no catolicismo e outro no espiritismo e as histórias de suas aparições, milagres e feitos idênticos a outras regiões do mundo em que deuses pagãos são reverenciados é a constatação de Luiz da Câmara Cascudo no seu livro *Literatura Oral no Brasil*. Editora Itatiaia, SP, 1984, 3ª edição.

Além da manipulação do poder, a religiosidade popular é também um ótimo subterfúgio para extrair do poderio eclesiástico o povo, incrementando as festas populares que nada mais são do que cultos ao ar livre. Existem neles expressões de um sentimento de que sua prática tem um efeito mágico de pagamento de pecados, pois o devoto tem consciência do pecado e julgam que com suas promessas, procissões e pagamentos de votos, estão quitando, aos poucos a grande dívida que tem com Deus, pouco importando se logo em seguida pecarem novamente: “praticavam-se as cerimônias exteriores da religião, mas as consciências estavam roídas pelo verme da dúvida<sup>17</sup>”.

Este espírito místico, observado por Pessoa de Moraes no livro *Tradição e Formação no Brasil*, é uma forma de fuga, de procurar a realidade dos fatos, para descobrir as causas, um subterfúgio da vontade: “trata-se de uma crença relacionada a impulsos mágicos, das raízes profundas da própria cultura ibérica ampliadas pelo índio, pelo negro, e reforçados pelo sistema secular do

---

<sup>17</sup> TORRES, João Camilo de Oliveira. *Lemi-historia das Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1980. p. 633.

semifeudalismo brasileiro com sua ênfase especial no processo dominador da vontade”.<sup>18</sup>

Portanto o caminho mais fácil para esta prática religiosa é o místico, o emocional e não a razão e o efeito imediato em detrimento da busca perseverante da meditação da Palavra de Deus que conforta e nos situa dentro da relação Deus-homem.

### **5.3 – Pastoreio Falho**

Pastoreio dedicado mais aos ritos litúrgicos: batismo, crisma, eucaristia, confissão, unção dos enfermos, ordem e matrimônio. Estes aspectos da vida religiosa estão relacionados palavra final em formação doutrinal, realizados de forma mecânica sem retorno popular, não impactando e não transformando a vida do fiel.

Estes estudos e a forma de prática litúrgica faz parte da cultura, pois todo fiel tem que ser batizado na mais tenra idade, fazer a primeira comunhão, ser crismado, confessar-se ao menos uma por ano, casar-se ou seguir a vida religiosa e á beira da morte receber a unção dos enfermos e depois de falecido receber o culto exequial.

O fiel que faz tudo isso e observa os mandamentos de Deus e da Igreja está no caminho para a salvação.

A cultura que se observa é ritualista e não de conversão e mudança de vida.

### **5.4 – Efeito da falha pastoral**

O pastor fala, mas, as ovelhas, não ouvem, não o segue. O pastor celebra os ritos e as ovelhas participam por conveniência, motivação social: “os folguedos populares foram então surgindo aderidos e em complemento as festas da Igreja”.<sup>19</sup>

Este comportamento deixa os fiéis vulneráveis ao secularismo, consumismo, seitas, religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais, políticas, acrescentando a tudo isto o êxodo rural que tira de sua realidade, seu habitat natural homens que no contato com a civilização urbanizada ficam a deriva, sem referencial, pois lhes faltam bases sólidas.

---

<sup>18</sup> MORAIS, Pessoa. Tradição e formação no Brasil. Civilização Brasileira. RJ, 1973. p. 287.

<sup>19</sup> FREITAS, Afonso de A. Tradições e Reminiscência Paulistana. Governo do Estado de São Paulo, 1978. p. 138.

## **CAPITULO VI**

### **PROPOSTAS OU PERSPECTIVAS DE “SANATIO IN RADIGE” (Evangélizar a Religiosidade Brasileira)**

Diante de um membro gangrenado o remédio é a amputação.

Em se tratando da religiosidade popular não há como sana-la a não ser com uma verdadeira conscientização através de um evangelismo sadio, e os meios para fazê-lo será através do contato direto e individual, pois é “o mais explícito tipo de comportamento comunicativo. Permite uma melhor comunicação e é uma característica dinâmica dos grupos primários. “São através dos contatos diretos que são preparados os movimentos de massa”.<sup>20</sup>

Este contato direto possibilitará a exigirá como complemento o contato indireto, em que a massa será informada e conscientizada.

#### **6.1 – Aplicar o princípio do contato direto e indireto**

O propósito é reconhecer as manifestações de religiosidade popular, os locais de suas manifestações, a matéria de sua devoção como oportunidade para a realização deste contato, pois a presença popular é garantida por vários fatores: retorno às raízes, reencontrar parentes, saudosismo, “festar” longe dos olhares do conjugue, realizar compras, pagar uma promessa, pedir graças, pedir esmolas, apaziguar a consciência, etc.

Em alguns lugares, as festividades duram muitos dias e desta maneira as oportunidades de contato são muitas e deverá contar com uma organização sistemática para que o contato indireto seja efetuado e alcance o objetivo de tornar-se uma evangelização dinâmica e pessoal.

#### **6.2 – Nas grandes comemorações religiosas**

Além das romarias, novenas, procissões existem grande concentração nas celebrações em que há grande reunião de fiéis, por motivos tais: a paixão e morte

---

<sup>20</sup> MARTINS, Mario. Sociologia da Comunidade. Acácia Publicações, 1973. p.42.

de Jesus Cristo dentro das comemorações da semana santa, Corpus Christi, etc. Além da reunião de fiéis na perca de um ente querido sempre há também presença de pessoas que ali está por laços de amizade de igual modo o dia de finados reúne grande número de pessoas e, portanto, são momentos oportunos de conscientização secundária ou contato direto.

## CONCLUSÃO

A religiosidade popular católica é um fato não só nacional, mas universal, pois ela assume as mesmas características e formas, com pequenas variações, em todo o mundo, onde o catolicismo se faz presente, pois o ensino é o único, o catecismo é único, os rituais são os mesmos, os objetos de devoção são os mesmos e as motivações são as mesmas, por isso o nome católico.

As devoções, festas e crenças, superstições não são particularidade e patrimônio brasileiro, africano, europeu ou asiático, mas patrimônio universal, pois devido o intercambio ente os homens, passam de nação e nação, foi o que se detectou nas pesquisas feitas e confrontando-as com experiências de ministério pastoral e na troca de informações com romeiros, devotos e não devotos.

A proposta é a de procurarmos conhecer melhor esta religiosidade para que tenhamos argumentos sólidos e práticos como bases bíblicas, para orientarmos as ovelhas que vagam sem pastor, que por impossibilidade estrutural ou por inculturação pela simples inculturação, deixam á mercê de suas superstições sem esclarecimento que as orientem de uma religiosidade que as leve a uma verdadeira conversão.

A intenção foi constatar a realidade e motivação desta religiosidade, seus argumentos e falhas e em seguida para uma iniciativa que possa surgir, a partir das oportunidades que as mesmas oferecem e a necessidade que as pessoas sentem de serem orientadas e não manipuladas. Espero ter alcançado o objetivo que me motivou a falar a respeito do fenômeno religioso popular católico.

## BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Márcia F. Naves. Dissertação sobre Costumes e Culturas: Baseado nos livros de E. A. Vida. Uma Introdução a Antropologia Missionária.

ARAUJO, Thadeu Pereira. Dissertação sobre o Evangelho e a Cultura: Baseado no livro o Evangelho e a Cultura. A Contextualização da Palavra de Deus.

BIROU, Alain. Sociologia e Região. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

BONOME, José Roberto. Construção e interpretação de mundos. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 2000.

CLIMNOY, Ele. Uma Introdução a Sociologia: Do Smith College. São Paulo: Editora Cultrix, Convênio MEC, 1987.

FILHO, José Pontes. Jesus e as Religiões. João Pessoa: Descoberta Editora Ltda, Missão e Editora Juvep, 2000.

FREITAS, Afonso A.de. Tradições e Reminiscências Paulistanas. Governo do Estado de São Paulo, 1978.

FREIRE, Gilberto. Sociologia 1º Tomo. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1967.

HAGGLUND, Bengt. História da Teologia. Porto Alegre-RS: Concórdia, 6. ed, 1999.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. RJ: Livraria José Olímpio Editora, 1979.

LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1977

MARTINS, Mario R. Sociologia da Comunidade. RJ: Acácia Publicações, 1973.

MORAIS, Pessoa de. Tradição e formação no Brasil. RJ: Civilização Brasileira, 2. ed., 1973. SOBRINHO, Barbosa L. Antologia do Correio Brasiliense. Brasília:

Cátedra MEC, 1977. TORRES, João Camilo de Oliveira. História de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: Ed. Lemi S.A, 1980. Vol 2.

VALE, Agrício do. Por que estes padres católicos deixaram a batina? PR: A. D. Santos 1997.

VIEIRA, Danny. A virgem Maria está morta ou viva? Modern Manna Ministries. P. 0 Box 28 Lodi, CA 95241-209-334-3868.

WOODROW, Ralph. Babilônia a Religião dos Mistérios. Ralph Evangelistic Association – USA, 1966.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Editora Vozes e Edições Loyola, 1993.

DOCUMENTO DE PUEBLA. Conclusões Gerais da 3ª Conferencia do Episcopado Latino- Americano. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.